

## CEMITÉRIOS: UM ESPAÇO RELIGIOSO E EDUCATIVO

Kate Fabiani Rigo  
Doutoranda em Religião e Educação pela EST.  
Orientanda do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz.  
Bolsista CAPES.

A comunicação “Cemitérios: um espaço religioso e educativo” pretende apresentar o espaço cemiterial como uma ferramenta educativa para as aulas de Ensino Religioso, já que o mesmo fornece inúmeros atributos para o estudo da religiosidade, da arte, da morte e da história.

Acreditamos que o desenvolvimento da temática cemiterial no espaço escolar proporcionará uma significativa contribuição em diferentes campos como na formação da identidade do adolescente, na possibilidade de criar e partilhar experiências significativas no espaço escolar, no desenvolvimento de valores e reafirmação de crenças, bem como na formação de um futuro adulto centrado na sua condição humana. Essa prática é reafirmada com pensamento de Streck:

*Em que medida a escola e o Ensino Religioso possibilitam espaços para que os alunos e alunas possam significar suas experiências e dar sentido a elas? Qual é o foco central da aprendizagem? Há uma preocupação pela condição humana? Pelo desenvolvimento de valores, princípios e crenças para que os adolescentes possam estabelecer um núcleo estável de sua identidade, uma noção de si, para poderem aprender a conviver com o diferente? Aprender a ser humano, a “reconhecer-se em sua humanidade comum”, é essencial para dar conta das novas demandas do século XXI. (Streck,2007,p.205)*

A implementação da teoria, para análise do desenvolvimento cognitivo do adolescente tem como base inicial os estudos de Jean Piaget considerando o seu estudo sobre o pensamento operatório formal que segundo Maria Aparecida Mello (2009, p.35): “*é o tipo de pensamento necessário para qualquer pessoa que tenha de resolver problemas sistematicamente.*”

Quanto ao embasamento teórico de estudos ligados a fé, religiosidade, práticas-educativas e atuação com adolescente na área de Ensino Religioso utilizamos como suporte inicial os estudos de James Fowler “*Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento Humano e a busca de sentido*”, de Laude Brandenburg “*Religiosidades e Práticas Educativas*”, de Remi Klein sobre “*O processo educativo-*

*religioso: histórias “em jogo” e novos olhares “em formação”* e de Gisela Streck sobre *“Adolescência e Identidade: desafios educacionais em tempos de Pré-modernidade”*.

Para o estudo da temática cemiterial utilizaremos o livro *“Um olhar: A arte no silêncio”* de Clarisse Grassi que serve como recurso visual de ligação entre o cemitério e a sala de aula, por apresentar de forma didática as Alegorias Cemiteriais. Além da bibliografia básica produzida por Harry Bellomo, por Maria Elísia Borges e por Thiago Nicolau de Araújo que são fortes referenciais da pesquisa cemiterial no Brasil.

Durante minha trajetória como docente tive a oportunidade de lidar com diferentes alunos, uma vez que trabalhei na rede particular de ensino (em diferentes escolas de confissões religiosas distintas) e na rede pública de ensino. Esse contato com diferentes tipos de adolescentes, de diferentes cidades, diferentes realidades econômicas e de diferentes credos religiosos me fizeram perceber uma relação comum e preocupante entre todos: a falta de interesse por assuntos ligados a religiosidade e fé. Outro ponto relevante de observação está ligado ao planejamento pedagógico dessas instituições de ensino - todas constatavam que o adolescente estava desinteressado sobre as questões relativas a religiosidade e que os professores deveriam encontrar uma maneira de chamar a atenção do mesmo para os assuntos ligados a suas crenças, dentro das diversas áreas das ciências humanas.

Sempre se buscou apresentar aos alunos a utilidade prática dos assuntos desenvolvidos nas diversas áreas das ciências humanas, seja na disciplina de História, de Geografia, de Arte, de Sociologia, de Filosofia, de Ensino Religioso e de Teatro. Dessa maneira, acreditamos que é de extrema importância o resgate desse adolescente por meio de um assunto que possa gerar a curiosidade, o aprendizado, o desenvolvimento de múltiplas habilidades, o pensamento filosófico, a consciência religiosa e a contemplação artística. Assim apresentamos o cemitério como um recurso prático-pedagógico para as aulas de Ensino Religioso e demais ciências humanas.

O objetivo inicial desta prática de pesquisa em sala de aula está ligado ao ideal de despertar o interesse dos alunos por história, considerando que a mesma é vista como “chata” ou teórica demais para o mundo adolescente. O cemitério conseguiu estabelecer um elo entre a teoria histórica e a prática educativa com adolescentes. E a partir dela se conseguiu mostrar aos alunos que a história poderia estar presente em tudo, até mesmo no cemitério.

Trabalhar com a temática cemiterial em sala de aula é algo que exige: planejamento, criatividade e principalmente habilidade retórica na hora de convencer a

coordenação pedagógica e os pais a liberarem seus alunos/filhos a visitarem o espaço cemiterial com finalidade pedagógica. Essa necessidade de convencer a comunidade escolar que estudar questões relacionadas ao cemitério está ligada a idéia de “*cegueira da morte*” nas palavras de Edgar Morin: “*Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte*” (1997, p.63).

Essa negação da morte se manifesta de diferentes maneiras como afirma Steyer:

*O homem ao se deparar com a finitude da vida reage basicamente de duas maneiras distintas: com a negação ou a aceitação da morte terrena. A reação mais comum é a de negação do fato, pela qual a família do morto expressa seus sentimentos de revolta com o fim da vida através de inscrições, fotografias e objetos colocados nos túmulos que relembram a vida terrena. A aceitação da morte terrena aparece através de demonstrações de fé e de homenagens e saudações à vida do defunto. (2000, p. 74)*

Essa dificuldade de aceitar um tema considerado, “pesado”, para ser abordado para adolescentes em plena vitalidade corporal e mental está associado a falta de informações sobre a contribuição histórica, artística, cultural e religiosa que o campo santo pode oferecer e também a ideia de supersticiosa de que tratar sobre a Morte, pode acabar atraindo-a. Essa afirmação é feita com base em diversos relatos escritos de alunos que quando indagados sobre a teria sido a reação dos pais quando avisados sobre o projeto. Cito abaixo um destes relatos realizados por meio do registro escrito com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede católica de ensino:

*Meus pais acharam uma loucura. Pensaram que era um absurdo falar sobre isso com alunos da 8ª série .*

*Meus pais não gostaram por que trás coisas negativas para a vida.*

*Meus pais não aceitaram que eu fizesse a lápide com o meu nome porque acha que pode chamar a morte para mim.. E não gostam muito da idéia de estudar a arte cemiterial, falam que já que é geografia, deveria estudar os países e estados e não o cemitério.*

Esses relatos demonstram o pensamento de Morin da “*Cegueira da Morte*” e o pensamento de que a falta de conhecimento sobre a multiplicidade cultural existente no cemitério faz com que os pais não consigam enxergar o cemitério como objeto de prática-pedagógica. E o interessante está no discurso de que o aprendizado de geografia se dá apenas por meio do estudo de países e estados, não há uma conscientização de que a aprendizagem se dá por meio da transversalidade que é discutido por Segura: “*Numa aproximação conceitual do termo, pode-se dizer que o dicionário descreve transversal como algo que atravessa o outro lado. Falar de transversalidade curricular é referir-se*

*a uma estratégia de atuação docente que implica outra forma de entender e organizar a aprendizagem” (2010, 63).*

Desde 2006 a temática cemiterial foi desenvolvida em sala de aula e a partir desta prática se teve a oportunidade de realizar algumas ações no campo educacional, acadêmico e artístico. Deste modo, é válido apresentar algumas destas ações práticas.

A primeira oportunidade de trabalhar com cemitério em sala de aula foi com uma turma de primeiro ano do ensino médio numa escola particular leiga, onde aliou-se o estudo de Grécia na antiguidade com as alegorias Cemiteriais. O resultado desta ação veio com a formação de um grupo extraclasse de pesquisa.

Depois se trabalhou com uma turma de ensino técnico de Design em uma escola particular de confissão luterana. Consegui aliar o Romantismo, arte neoclássica e modernismo para apresentar o tema cemiterial, como resultado, um grupo de alunas elaborou um artigo e apresentou o mesmo no II Encontro sobre Cemitérios Brasileiros que ocorreu na PUCRS, em Porto Alegre.

Com o avançar do grupo de pesquisa extraclasse se decidiu incorporar o elemento cênico no estudo e difusão da arte cemiterial e o resultado desta complementação cultural foi a criação do Grupo Cemiterium: Teatro e Pesquisa.

Não deixando de lado a prática educacional do cemitério em sala de aula tivemos a oportunidade de desenvolver com alunos de ensino médio de uma escola particular leiga a influência da arte neoclássica no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre. Inicialmente a turma hesitou, mas depois de verem as imagens na escola e depois de realizar um amplo trabalho sobre a história do cemitério. E o resultado foi uma visita cheia de interesse, de perguntas, de análise e de apreciações.

Percebemos que o cemitério pode ser um excelente aliado na prática educativa, pois nele podem-se trabalhar diversos aspectos da história, os períodos distintos da arte, com conceitos da sociologia e suas diversas interações, com os conceitos de finitude, fé e religiosidade na disciplina de Ensino Religioso; com conceitos de percepção da morte.

Com base nesta experiência prática com adolescentes e o cemitério, acreditamos que a utilização do campo santo como tema de aplicação curricular na disciplina de Ensino Religioso pode resolver diversas ansiedades que afligem o educador. Essas preocupações estão em sintonia com a idéia da Unesco que considera que “ *a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritual*” (Devors, 2000, p 99).

Além disso, se faz um debate intenso sobre a necessidade de gerarmos novas práticas em sala de aula para atender o adolescente contemporâneo que a cada dia está mais inserido na realidade virtual e distanciado da realidade real. E o estudo do cemitério irá contribuir na aproximação deste indivíduo com as questões ligadas a religiosidade e com a idéia de Brandenburg sobre a escola ser um espaço de partilha, convívio e aprendizagem:

*Integrando a abordagem da religiosidade no cotidiano escolar ou integrando o cotidiano na prática do currículo escolar, haverá avanços no processo de desenvolvimento da educação integral, e a escola estará dando sua contribuição também no reconhecimento da religiosidade na vida escolar e na vida das pessoas que ali estão. Desse modo, a escola poderá ser um espaço em que se aprende a viver juntos, em que se aprende a conviver e a conversar sobre as diferentes dimensões da vida, inclusive e principalmente sobre a religiosidade. (2010, p. 58)*

Montar uma metodologia sobre a utilização do cemitério como condutor de informação, reflexão e identificação é uma prática que será aperfeiçoada ao longo da pesquisa, considerando que esta já teve sua aplicação no desenvolvimento das disciplinas de História, Geografia, Arte, Sociologia, Teatro e Filosofia. O desafio desta proposta está em aplicar esta prática com suas devidas alterações para estabelecer um vínculo com adolescentes que não estão mais interessados no desenvolvimento de sua religiosidade que está associado ao conceito de fé. Essa ideia é apresentada por Brandenburg *“a religiosidade envolve a área da fé. E a fé não é, necessariamente em seu início, religiosa. Ela simplesmente é fé.”* (2010, p. 55).

Consideramos importante destacar que o conceito de fé que melhor se aplicar a realidade adolescente está atrelado à conceituação de Fowler que diz:

*A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. Fazer essas perguntas seriamente a nós mesmos ou a outros não significa necessariamente fazer surgir respostas a respeito de crença ou comprometimento religioso. A fé é o modo e que uma pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados. (1992, p.15)*

Acreditamos que este tipo de prática propicie ao aluno e ao professor um espaço de troca, identificação e de reflexão sobre os mais variados temas e valores que perpassam nossas vidas e que são de fundamental importância para a composição dos futuros adultos que irão compor a sociedade do futuro.

Pensar sobre a ideia de montar um mecanismo de ação prática que atenda as necessidades de amparo e direcionamento do adolescente contemporâneo que a cada dia pede atenção por meio de suas ações conturbadas e por meio de suas emoções desenfreadas. Essa ideia é comentada nos estudos de Macedo: “*A intensidade das vivências deste momento e traduzida pelo uso da palavra “revolução”, uma vez que a adolescência é realmente uma transformação radical, uma agitação que se dá no cerne do EU. Nesta situação de “turbilhão emocional”, o EU se vê ocupando o papel de protagonista e de espectador*” (2004 ,p.67)

Essa falta de identificação é um dos fatores que agita mais ainda o adolescente e também é citado na pesquisa de Fowler que elaborou um trabalho que relaciona do desenvolvimento humano de Piaget e os estágios da fé:

*No estágio operacional formal o pensamento cria asas. Capaz de transcender imaginativamente a experiência empírica, o pensamento formal pode construir estados ideais ou normas reguladoras. Em termos sociais, o pensamento operacional formal pode ser utópico. Com a sua capacidade de extrapolar ou imaginar a perfeição, a mente adolescente pode ser bastante dura para julgar amigos, pais, condições sociais ou políticas, ou julgar a si mesma. (1992, p.68)*

Percebe-se que a partir de então o adolescente começa a questionar tudo a sua volta como mecanismo de transgressão e de testagem para a construção de sua própria identidade ideal. Mas além de estar se definindo enquanto indivíduo está cercado de pressões externas que o abalam e que o agitam.

*Novas expectativas, disciplinas qualitativamente diferentes e um grande número de decisões difíceis são as exigências com as quais a sociedade saúda o adolescente, agora mais próximo de sua masculinidade ou feminilidade. Ao tentar satisfazer e cumprir essas exigências, os jovens irão apelar para recursos ideológicos de seu ambiente que estejam disponíveis e com os quais sintam afinidade pessoal, especialmente aqueles que estejam corporificados em líderes carismáticos e convincentes. Buscam figuras de apoio e designarão pessoas que quanto mais são bem-intencionadas como inimigos temporários, em contraposição aos quais sua identidade possa ser acelerada. (1992,p.73)*

A citação acima apresenta o primeiro indício de distanciamento do adolescente sobre os assuntos ligados a personagens e ideais que retomem a ideia de religião, religiosidade e fé. Já que antes esses valores eram vistos como modelo de inspiração e

agora são modelos de aversão. Essa ideia de aversão a valores pode ser explicada a partir do estudo de Macedo:

*Ter que entrar em contato com questionamentos inquietantes, tais como sua identidade pessoal, profissional e sexual, obriga o adolescente a lançar mão de estratégias para se defender de sentimentos tão intensos e perturbadores. Por isso é que, muitas vezes ele mostra-se o oposto do que se passa real e internamente. A arrogância, a prepotência, o comportamento desafiador, questionador e a onipotência, são características de posturas assumidas, inconscientemente, para que o olhar do outro seja desviado de um verdadeiro adolescente indeciso, inseguro, temeroso e assustado. É como se o adolescente estivesse frente a um dilema entre assumir uma postura corajosa, de um desbravador de si mesmo e do mundo, e outra mais “cautelosa” que por vezes se confunde com o modelo infantil de independência e fragilidade do qual quer se distanciar. Muitas vezes, a dificuldade de encontrar e de se encontrar nas soluções escolhidas traduz-se nas posições extremas que o adolescente acaba adotando, posições que se espelham contradições e dilemas internos. A frágil demarcação entre coragem e descuido pode ser exemplificada nos comportamentos autodestrutivos do adolescente. (2004, p.75)*

Refletindo sobre o pensamento de Macedo percebe-se a necessidade de acolhimento que o adolescente necessita e uma mudança no olhar do docente que com ele trata. Pensar numa nova prática docente na área de ciências humanas com ênfase no Ensino Religioso não é somente uma possibilidade e sim uma necessidade.

Trabalhar com a temática cemiterial no espaço escolar é algo pouco explorado em nosso país. Além disso, a historiografia brasileira ainda oferece pouca atenção ao tema cemiterial, provavelmente devido à ideia fantasiosa sobre o contato com sentimentos ligados à morte e suas representações funerárias. É perceptível a existência de um grande preconceito perante este tipo de visitação, isso se deve ao fato deste hábito não estar inserido na cultura brasileira.   necessário, para essa desmistifica o, que se leve em considera o a relevância histórico-cultural e artística deste espaço. Todavia, dentro da realidade brasileira e devido aos trabalhos de divulga o sobre este assunto realizado pela equipe de pesquisa coordenada pelo professor e pesquisador Harry Rodrigues Bellomo, esta ideia está aos poucos sendo modificada através de diversas palestras e publica es voltadas ao público em geral. Além disso, em 2004, foi realizado, em conjunto com pesquisadores de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiás e do Ceará o I Encontro sobre Cemitérios Brasileiros, na USP. Neste encontro fundou-se a ABEC (Associa o Brasileira de Estudos Cemiteriais), que tem por objetivo reunir, a cada dois anos, pesquisadores de todo Brasil para, num sentido transdisciplinar, divulgar

e publicar suas pesquisas. Atualmente a ABEC consta com associados de todas as regiões do Brasil, além de ter estreitas relações com a *Red Iberoamericana de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales*.

O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudo e é uma excelente ferramenta pedagógica que pode resgatar o interesse do adolescente e para auxiliar o docente das Ciências Humanas com ênfase no Ensino Religioso a desenvolver uma atividade diferenciada e criativa com seus alunos.

Pensar no cemitério como um recurso de ensino aprendizagem é algo ousado no campo da educação, já que a mesma se cerca de inúmeras teorias, mas dificilmente coloca-as em prática. Para que aja aprendizado, é necessário resgatar a ideia de Reciprocidade de Buner:

*A vontade de aprender é um motivo intrínseco, ou seja, que encontra na prática tanto a fonte como a recompensa; torna-se um problema somente em condições especiais, como o de uma escola onde se determina um currículo confina-se os estudantes e segue-se um caminho fixo. O problema não está na aprendizagem em si, mas no fato de que as imposições da escola falhar em despertar energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea – a curiosidade, o desejo de competência, a aspiração de seguir um modelo e a dedicação à reciprocidade social. (Buner, 1975, p.125)*

Sendo assim, trabalhar com o espaço cemiterial irá provocar a curiosidade do grupo juvenil e a formulação de inúmeras indagações que serão buscadas pelos próprios alunos. Além disso, o interesse também pelo desvendar do desconhecido que de acordo com Wadsworth: *“O desconhecido e o não previsível podem provocar interesse e conflito cognitivo”* (1993, p.154)

Considerando que o cemitério é um espaço de memória coletiva, individual, religiosa e cultural, podemos usar a ideia de Zanella para afirmar a utilidade pedagógica de aprendizagem que o estudo do espaço cemiterial pode oferecer:

*A memória é um fator bastante importante na aprendizagem, pois que, sem ela as aprendizagens se tornariam sem significado. É a memória o elemento que faz a ligação entre o ontem e o hoje e, embora não existam ainda conhecimentos substanciais acerca de seu funcionamento, sabe-se que através dela, pelo menos em parte, aquilo que foi aprendido fica retido e, de alguma forma, alguns fatos podem ser reativados pela lembrança. A memória é elemento importante porque permite a identidade do ontem, estabelecendo a relação com o hoje, o agora. A retenção significa o reconhecimento e a reaprendizagem, processos sempre presentes quando se fala em aprendizagem (2003, p.27 e 28)*

Com a utilização do espaço Cemiterial pode-se compartilhar histórias de vida que dentro de uma sala de aula possivelmente ficariam restrita ao pensamento individual. O compartilhar de histórias é um recurso de aproximação entre educador e aluno como expressa Klein: “Somos todos, enfim, histórias “em jogo” e, no processo educativo (em geral e não só religioso), almejamos que, a partir das histórias lidas, divididas e vividas, os nossos educandos se tornem cada vez mais sujeitos e protagonistas da sua própria história.” (2008, p.87)

Outra utilização do cemitério como ferramenta educacional é a criação de Projetos disciplinares ou Interdisciplinares. Para Vasconcellos:

*A educação, no autêntico sentido, qual seja, enquanto processo de humanização e personalização, de construção de identidade e cidadania, implica sempre em práticas (realização) que estão permeadas por algum nível de referência reflexiva (elaboração), tanto no que diz respeito à orientação da atividade (plano de ação) e à intencionalidade (finalidade), quanto de interpretação de um dado contexto (realidade). (1999, p.124)*

Por ser um espaço de amplas possibilidades, ele (o cemitério) possibilita o desenvolvimento de projetos tanto na área de ciências humanas quanto na área de ciências biológicas e exatas. Brandenburg também comenta sobre a prática de projetos como recurso didático:

*O trabalho por projetos é uma proposta muito pertinente ao Ensino Religioso, pois pode organizar, encaminhar e responder perguntas que crianças e jovens tem sobre a dimensão religiosa, sobre a função que a religião desempenha na sociedade ou sobre as inúmeras formas de manifestação e vivência da dimensão religiosa na sociedade. (Brandenburg, 2009, p.87)*

Pensando numa organização prática de planejamento montei uma metodologia própria intitulada “Pedagogia Cemiterial” que apresentei no IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais que ocorreu em Piracicaba-SP no ano de 2010, conforme demonstrado abaixo:

- Sondagem de interesse com a turma escolhida para a realização do cemitério como mediador de conteúdos curriculares.
- Apresentar à turma a relação existente entre o conteúdo desenvolvido e o uso do cemitério.
- Estabelecer um contato visual entre os alunos e o espaço cemiterial por meio de imagens fotográficas, considerando que muitos alunos jamais entraram em um cemitério.

- Pedir uma análise pessoal sobre o que pensava e o que pensou sobre o cemitério após a explicação sobre a pesquisa cemiterial e a sua relação com o conteúdo selecionado.
- Visitação guiada ao cemitério local.
- Debate dirigido no cemitério para estabelecer um momento de aprendizado mútuo.
- Debate dirigido e relatório sobre a visitação no cemitério no espaço escolar.
- Organizar com os alunos alguma culminância que envolva a comunidade escolar a fim de apresentar a todos o resultado desta prática educativa.

Com o passar desta prática em sala de aula acreditamos que a pesquisa cemiterial não deve ficar apenas na discussão acad mica, mas sim que ela deve ser difundida a alunos do ensino fundamental (séries finais) e do ensino médio a partir das aulas de História, Religião, Filosofia, Sociologia, Arte e Teatro. Esta prática fará com que consigamos atrair a atenção dos adolescentes novamente para assuntos que permeiam o campo da religiosidade, além de fazer com que a prática pedagógica das aulas de Ensino Religioso tenha o merecido destaque dentro da comunidade escolar.

## **10. Bibliografia**

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Ars Poética, 1995.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. T mulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- \_\_\_\_\_. T mulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação de Mestrado
- \_\_\_\_\_. Arte Cemiterial: uma análise dos elementos da arte antiga encontrados nos cemitérios do RS (1920 - 1940). In: Harry Rodrigues Bellomo. (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 1, p. 207-216.
- \_\_\_\_\_. Cemitérios, etnia e germanidade. In: Harry Rodrigues Bellomo. (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia.. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 1, p. 237-242.
- \_\_\_\_\_. Cemitérios como fonte de Preservação Histórico-cultural do Brasil: a presença do Egito Antigo nos Cemitérios. In: Harry Rodrigues Bellomo. (Org.).

- Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia.. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 1, p. 243-248.
- \_\_\_\_\_. . A Presença do Antigo Egito nos Cemitérios. In: Margaret Bakos. (Org.). Egiptomania, O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004, v. , p. 43-54.
- \_\_\_\_\_. Cemitérios como fonte de preservação histórico-cultural do Brasil: A presença do Egito Antigo nos cemitérios. In: Primeiro Encontro sobre Cemitérios Brasileiros, 2004, São Paulo. Primeiro Encontro sobre Cemitérios Brasileiros. São Paulo : IEB/DG/FFLCH - USP, 2004. v. 1. ARIES, Philippe. EL Hombre Ante la Muerte. Madri: Taurus Ediciones, 1987.
- \_\_\_\_\_. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BAYARD, Jean-Pierre. Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.
- BEE, Helen. O Ciclo Vital. Ed. Artes Médicas, 1997.
- BELLOMO, Harry R,(org.) Rio Grande do Sul: aspectos da cultura. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- BELLOMO, Harry R.(org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- BOSI, E. Memória e sociedade. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRANDENBURG, Laude Erandi. Práxis educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática. In: KRONBAUER, Selenir Gonçalves; STROHER, Marga Janete. Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRAKEMEIER, Gottfried. O ser humano e busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002.
- Campos, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAVALCANTE, Márcia H. K. e SOUZA, Rui Antônio. Ensino Médio-mudanças e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- CHEVALIER, Jean. Diccionario de los Simbolos. Barcelona: Herder, 1996.

EBY, Frederick. História da Educação Moderna – séc. XVI/séc. XX: teoria, organização e prática educacional. Porto Alegre: Globo, 1978.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993.

GRASSI, Clarissa. Um olhar...A arte no silêncio. Curitiba: Grassi, 2006.

GRUPO CEMTIERIUM: Teatro e Pesquisa. *grupocemiterium.com*

HACK, ANDRÉA Beatriz. Os ritos e as práticas religiosas realizadas nas escolas e o desenvolvimento da fé infantil. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Ensino Religioso – São Leopoldo: EST, 2002.

HERDER. Dicionário de Símbolos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LOMONICO, Circe Ferreira. Psicopedagogia e Fé: um diálogo entre epistemologia convergente de Jorge Visca e os estágios da Fé de James W. Fowler. Tese de Doutorado em Teologia Prática. São Paulo: Universidade Metodista, 2001.

LURKER, Manfred. Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993.

MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MACEDO, Mônica Medeiros K ; FENSTERSEIFER, Liza e WERLANG, Blanca Susana G. Adolescência: um tempo de ressignificações. In: MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Mello, Maria Aparecida S. Concepções de Adolescência em Jean Piaget. In: <http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/concepcoes-de-adolescencia-em-jean-piaget> Data de acesso: 13/10/2011.

MORRIN, Edgar. O Homem e a Morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. Os sete saberes necessários à educação do futuro. In: Morin, Edgar. Os princípios do conhecimento pertinente. São Paulo: Cortez, 2000.

ORTIZ, Renato. Mundialização: saberes e crenças. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Ates Médicas Sul, 1999.

\_\_\_\_\_. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999b.

\_\_\_\_\_. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

PIAGET, Jean. E GRECO, P. Aprendizagem e Conhecimento. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. E INHELDER, B. Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

PIAGET, Jean. Biologia e conhecimento. Lisboa: RES, 1978.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Metrópole da Morte: necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009.

RIGO, Kate Fabiani. O cemitério como fonte de inspiração cênica. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2011.

\_\_\_\_\_. Pedagogia Cemiterial. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2010, Piracicaba. IV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2010.

\_\_\_\_\_. AJEC: Um sonho conquistado. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2008, Goiânia. III ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2008.

\_\_\_\_\_. Arte Cemiterial no Curso Técnico de Design. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2006, Porto Alegre. II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2006.

\_\_\_\_\_. Arte Cemiterial na Escola Regular. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2006, Porto Alegre. II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2006.

\_\_\_\_\_. Imagens da Morte. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2004, São Paulo. I ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagens da Morte. In: BELLOMO, Harry R.(org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Transformações nas Práticas de Enterramento: Cuiabá, 1850 – 1889. Cuiabá: Central de Texto, 2005.

ROSA, Jorge La. Otivação e aprendizagem. In: ROSA, Jorge La. Psicologia e Educação: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SEGURA, Harold. A criança como tema transversal da teologia. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs). Uma criança nos guiará -por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010.

STRECK, Gisela Isolda W. Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade. In: WACHS, Manfredo Carlos et all. Praxis do Ensino Religioso na Escola. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007.

THOMPSON, John. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na época dos meios de comunicação de massa. RJ: Vozes, 1995.

WACHHOLZ, Wilhen. Lutero: Legados pedagógicos e comunitários. In: BRANDENBURG, Laude Erandi, WACHHOLZ, Wilhen (orgs). Contribuições do luteranismo para a Educação. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2010.

WADWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira, 1993.

VALLADARES, Clarival. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Rio de Janeiro: Edição MEC - Conselho Federal de Cultura, 1972.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1999.

VOVELLE, Michel. Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

ZABALA, Antoni. A prática Educativa: Como Ensinar. Porto Alegre: Art Med, 1998.

ZANELLA, Liane. Aprendizagem: uma introdução. In: Rosa, Jorge La. Psicologia e Educação: o significado de aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.